

Argentina rejeita austeridade

Buenos Aires e Washington — Num gesto sem precedentes, a Argentina rechaçou o programa de austeridade elaborado pela missão do FMI e enviou seu próprio programa diretamente ao diretor-gerente do Fundo, Jacques de Larosièrre, em Washington. A Carta de Intenção argentina prevê metas de crescimento econômico, aumentos salariais, redução da inflação e do déficit público menos recessivas do que a proposta do FMI.

A decisão poderá ter importantes desdobramentos para os demais países devedores, diante da possibilidade de um dos mais importantes deles conseguir um acordo de crédito com o FMI dentro dos limites que seu governo considera aceitáveis, rompendo assim os condicionamentos normalmente exigidos pelo Fundo.

Decisão dos ricos é lembrada

Segundo os procedimentos normais da instituição, um programa de ajuste econômico só é apresentado ao Conselho Diretor do FMI quando é objeto de um acordo entre o país e missão do Fundo. Mas, fiel à linha traçada desde a campanha eleitoral, o Governo Alfonsín confirmou sua intenção de rejeitar qualquer "receita recessiva" para pagamento da dívida.

O jornal francês **Le Monde** considerou a atitude "revolucionária", porque "coloca o FMI numa posição delicada e pode — embora a Argentina haja reiterado sua disposição de pagar — provocar novos impactos no sistema bancário norte-americano". **Le Monde** lembrou que, na reunião de cúpula neste fim de semana, em Londres, os sete países mais industrializados se limitaram a reiterar

que só negociarão a dívida caso a caso, deixando de lado o pedido de sete países latino-americanos, inclusive o Brasil, de adoção de parâmetros comuns na negociação.

A Argentina contou com dois importantes fatores de pressão: vence sexta-feira a garantia do Tesouro americano para um empréstimo de 300 milhões de dólares feito à Argentina por vários países, inclusive o Brasil, a 30 de março; expira no final do mês o prazo para que o país chegue a algum tipo de acordo com os credores, para pagamento de 500 milhões de dólares em juros vencidos. Se isso não ocorrer, os grandes bancos norte-americanos terão de declarar os créditos **non performing**, o que afetará seus balancetes trimestrais num momento delicado para o sistema bancário dos EUA.

Segundo um estudo do Instituto Brookings, dos EUA, a Argentina seria o único dos sete grandes devedores da América Latina que continuaria crescendo, ainda que sem créditos externos, até 1987.

Nos meios financeiros de Washington, comentava-se que a atitude argentina transfere a responsabilidade de uma decisão sobre sua dívida aos principais países industrializados, que têm maioria no Conselho Diretor do FMI (os EUA têm 19,5 dos votos). Uma fonte próxima ao Ministro da Economia, Bernardo Grinspun, disse em Buenos Aires que a Carta de Intenção enviada a Larosièrre não representa "um rechaço categórico" do FMI, mas é "uma proposição a partir da qual as negociações entrarão numa nova fase".